

# Camilo Torres – Testemunho e Profecia

**Luigi Bordin**

Doutor em Filosofia.  
Professor Associado do IFICS-UFRJ.  
[luigibord@uol.com.br](mailto:luigibord@uol.com.br)

*“Um católico, um padre católico, não pode ser expectador inerte de um sistema social que nega à maioria a possibilidade de comer, vestir e ter casa[...]. Próprio por ser colombiano, católico e padre, não posso não ser revolucionário” (Camilo Torres)*

## **1 O nascimento, a formação e primeiras atuações**

Do matrimônio do médico Calixto Torres Umanã com Isabel Restrepo Gaviria, ambos da alta burguesia, veio ao mundo Jorge Camilo Torres Restrepo, em Bogotá, o dia 3 de fevereiro de 1929. Estudou no colégio alemão e no liceu Cervantes, entrou depois na Universidade Nacional de Bogotá para estudar direito. Naquela época colaborava com o periódico “La Razón”. Fez amizade com a família do doutor José Antonio Montalvo de cuja filha foi namorado. Colocado por estes em contato com os padres dominicanos, Camilo decidiu entrar na Ordem. Após ter cursado o seminário e recebido a ordenação sacerdotal foi enviado em Louvan na Bélgica para estudar sociologia e foi vice-diretor do Colégio Latino-americano. Viajou pela Europa e em Paris onde trabalhou com o Abbé Pierre colhendo lixo em uniforme de operário, junto com ex-detentos, vivendo pobremente. Ao seu retorno em pátria, foi nomeado capelão da Universidade Nacional onde conquistou a simpatia de todos os estudantes. Fundou a faculdade de sociologia. Mas por ter defendido dois estudantes expulsos injustamente, foi afastado do serviço de capelão. Passou a ser o coadiutor na paróquia de Veracruz e tornou-se diretor da Escola superior de pública administração. Fundou várias cooperativas em Tunjuelito e fez parte da direção executiva do Instituto nacional colombiana da reforma agrária.

## **2 Formação, abertura política e a opção pelos pobres**

Á pergunta: “Porquê você entrou no seminário? Situações familiares, desilusão no amor, vazio interior, irrupção de valores religiosos?”, Camilo respondia: “Talvez, um pouco de tudo isso. Mas na realidade aconteceu isso: durante as férias fui ao Llano. Aquela imensidão, aquele silêncio, aquela explosão tropical de vida, de sol me impressionou muito[...]. Me fez encontrar Deus” (1).

Para Camilo, o padre deve ser antes de tudo “um profissional do amor, a tempo pleno”, amor que tem como objeto predileto (não exclusivo) os pobres. Segundo ele, o sacerdócio, ou tem uma orientação para os pobres ou não é autêntico! “Aproximar-se aos pobres, - dizia ele -, analisando as causas de sua miséria, descobre-se logicamente uma grave carência de justiça social. Justiça social que, segundo a tradição das encíclicas sociais da Igreja, deve prevalecer sobre a assim chamada beneficência como expressão do autêntico sentido do amor cristão” (2). Camilo sustenta que a missão do sacerdote não pode limitar-se a uma ordinária administração de sacramentos, mas deve compreender uma clara tomada de posição diante da injustiça social. É convencido que o padre é obrigado a empenhar-se a fundo na luta contra cada desordem humano, lesivo dos interesses da comunidade. Coerente com sua consciência repete diante das multidões: “Não sou um dirigente da classe popular, mas um servidor da classe popular” (3). Para servir melhor o seu povo deixa a batina. Não o faz por rebeldia, mas para aniquilar as distancias e se aproximar mais ao homem.

## **3 O contato com a realidade colombiana e a análise de conjuntura**

Depois de seu retorno em pátria, Camilo vem a contato com dura realidade colombiana e latino-americana. Na Universidade Nacional começa ter contatos com o ambiente intelectual anticonformista e os problemas do país, através da participação a inúmeras mesas redondas, integrando o conhecimento teórico com a observação direta mediante numerosas viagens nas diversas regiões. Como capelão dos Estudantes universitários, introduziu na Colômbia muitas das reformas do Concílio Vaticano II. Organizou uma iniciativa comunitária (“acción comunal”) no bairro de Tunjuelito. “É indispensável – afirmava ele – que cada ação social se baseie, além que sobre seu fundamento doutrinal, na análise da realidade” (4). Essa experiência nasce do “Movimento universitário y profesional de organización de la comunidad”, grupo fundado por ele e composto por estudantes universitários tendo como meta dar impulso ao processo de transformação da comunidade.

Em 1961 começou ter problemas com o cardeal, Concha Córdoba. A situação se tornou espinhosa, até que o prelado o destituiu de seu cargo de capelão e de todos os trabalhos acadêmicos e administrativos que tinha na Universidade Nacional. Em 1962, deixa a Universidade e vai trabalhar no “Instituto de administração social”, dedicando-se a um estudo sobre a migração do campo à cidade. Realiza cursos itinerantes em diversas cidades, destinados a uma informação de base sobre a reforma agrária, usando uma metodologia particular, adaptável a diversos níveis: camponeses, dirigentes camponeses, estudantes. Trabalha na organização da “Unidad de acción rural de Yopal” onde elabora planos de estudo e favorece o encontro de universitários e técnicos com os camponeses. Todos esses trabalhos lhes permitem conhecer diretamente as condições miseráveis de vida dos

camponeses compartilhando o sofrimento dos pobres e dos explorados. A soma dessas experiências, análises e estudos, o leva a decisão de empenhar-se numa ação eficaz e imediata. O aguarda as estradas e as praças, saturadas de agonia humana e de injustiças, e sente que o imperativo de ir às últimas conseqüências lhe queima a alma. Em 1965, Camilo, pressionado pelo alto clero, renuncia ao sacerdócio.

#### **4 Com o povo em marcha**

Na base da pirâmide social colombiana está em ação um fenômeno de tomada de consciência, pelo qual a classe popular se torna cada vez mais consciente de seu próprio direito em participar à vida nacional. E na medida em que vai tomando consciência, a massa torna-se mais permeável a uma ideologia revolucionária. Camilo compreende que esse processo gradual pode ser ativado por fatores de aceleração revolucionária, na medida em que o povo assimile e se rebele contra as situações de ignomínia a que está sujeito: sem terra, sem teto, sem assistência médica e hospitais, sem instrução, com alto custo da vida, desemprego, etc. Já a revolução cubana está em ato, acelerando o processo de libertação na América latina. De tudo isso Camilo deduz que: nos países subdesenvolvidos, as mudanças de estrutura não se obterão sem pressão da classe popular; a revolução pacífica é diretamente determinada pela previsão da classe dirigente; a revolução violenta é uma alternativa bastante provável, tendo em conta as dificuldades de previsão por parte das classes dirigentes. Diante dessa realidade, Camilo proclama que a revolução é a única saída. E precisa assim sua posição: “Eu sou revolucionário como colombiano, como sociólogo, como cristão e como sacerdote. *Como colombiano*, pois não posso permanecer estranho às lutas de meu povo. Como sociólogo, pois através do conhecimento científico da realidade cheguei a conclusão que não é possível obter soluções técnicas eficazes sem uma revolução. *Como cristão*, pois a essência do cristianismo é o amor ao próximo, e só através da revolução pode-se realizar o bem da maioria. *Como sacerdote*, pois o dom de si ao próximo exigido pela revolução é um *requisito da caridade fraterna*, indispensável para a realizar o sacrifício da Missa, que não é uma oferta individual, mas de todo o povo de Deus tramite o Cristo” (5).

#### **5 Do que é lógico fazer ao que é preciso logo fazer**

No início Camilo, se propõe pensar livremente, suscitar idéias, provocar sobre elas debate ao qual pudessem participar todos aqueles que tivessem algo a dizer, para que do confronto de opiniões derivassem conclusões lógicas. Quando passa à fase da rebelião, se coloca na esfera da ação política, aplicando a ciência ao procedimento objetivo. O aspecto extraordinário e desconcertante do “caso Camilo Torres” é que se trata de um padre católico que incita seus concidadãos à revolução, como único meio para que o povo (a maioria explorada) chegue ao governo e derrube o predomínio dum grupo (minoria exploradora) que dispõe de todos os instrumentos do poder.

Segundo Camilo, se o cristianismo se funda na caridade; se a caridade é serviço ao homem; se a maioria dos homens está condenada às condições subumanas da vida, o cristão deve ser revolucionário. Até que a realidade social consiste num aglomerado de massas indigentes e estruturas injustas, o cristão tem o dever de estar do lado da grande massa indigente e não ao serviço das estruturas injustas. O homem, antes de ser uma pessoa com direitos e deveres, é um sujeito de necessidades fundamentais. A necessidade precede o direito. Antes

de cada ordenamento jurídico, de cada superestrutura legal, as necessidades do homem são a força que faz com que o mundo avance rumo ao seu ordenamento definitivo. “Eu sou um burguês, – afirma Camilo –, mas me aproximei às massas que farão a revolução colombiana pedindo a elas de ser aceito como revolucionário, prometendo de ser um bom revolucionário” (6).

## **6 A plataforma do Frente Unido**

Já no fim de 1954, um grupo de estudantes colombianos da Universidade de Louvan deu vida a uma associação que desde então propôs a união de todos os colombianos dispostos a pôr a própria preparação intelectual ao serviço do seu país. Camilo desenvolveu naquela ocasião um papel determinante.

O programa veio a público em junho de 1956. Ao mesmo tempo se constituía uma equipe colombiana de investigação sócio-econômica (ECISE), que se inspirava aos seguintes princípios: “Unir-se acima das nossas divergências partidárias ou ideológicas, prescindir de fatores que nos dividem para centrar a atenção sobre o que nos une”. Neste período, aparece muito claro o propósito de Camilo de trabalhar em equipe na base de um programa bem definido.

Em 1965, deixado o sacerdócio, Camilo trabalha para organizar o Frente Unido e na publicação do semanário do movimento (Frente Unido), organiza uma plataforma para um movimento de unidade popular e chega às praças públicas tendo um vertiginoso consenso político. Organizou diversas manifestações e atos públicos. Igualmente fez contatos com o Exército de Libertação Nacional (ELN), fundado em 1964, com o qual concordou a continuação da agitação política nas cidades e seu posterior ingresso na organização quando fosse necessário.

A plataforma, segundo Camilo, devia ser um documento de trabalho par ser discutido por expertos e aperfeiçoado. Nesse documento são abordados diversos objetivos: reforma agrária, reforma urbana, planificação, reforma tributária, nacionalizações, relações internacionais, segurança social e saúde pública, política das famílias, forças armadas e os direitos da mulher. (7)

## **7 A plataforma como encarnação do protesto popular**

A plataforma provoca uma extraordinária impressão, pois expressava o mal-estar e a aspiração de justiça do povo. Por iniciativa de operários e camponeses vem reproduzida e difundida em todo o país. É esse o primeiro sinal do apóio das massas às teses de Camilo que se identificaram com suas propostas. A grande adesão aos programas de Camilo faz tremer os detentores do poder. Camilo quer que cada homem do povo apreenda que cada pessoa tem dignidade e direitos inalienáveis, que é indigno que um ser humano se encontre pobre, faminto, inculto e explorado. Para ele a miséria não é cristã, nem a fome, nem a exploração do homem por parte do homem, e nem o colonialismo e o imperialismo. Não se trata de reduzir a propriedade ao uso limitado dos bens, mas de fazer que a propriedade cumpra sua finalidade social em função do bem comum.

Nunca na história da Colômbia um programa político se afirmou de forma tão rápida e intensa, nem nunca sua tradução num movimento organizado foi tão consistente. A frente única surpreendeu seguidores e adversários. Logo o escritório de Camilo transformou-se num quartel geral onde se trabalhava dia e noite na correspondência, organizando

encontros, reuniões, viagem nas principais cidades do país, aonde ele vinha acolhido com bandeiras vermelhas e ao grito de: *Unidad! Unidad!* O movimento do Frente Unido del Pueblo chegou ao ápice conquistando as praças. Mas surgiram, também, os primeiros obstáculos: falta de quadros na base enquanto as manifestações políticas são violentamente reprimidas. A massa vem dispersada com cassetetes e bombas lacrimogêneas. Muitos aliados esmorecem. Só os operários ao lado dos estudantes permanecem decididos a continuar a marcha que se anuncia longa e difícil.

## **8 Camilo e a estrutura da Igreja**

Camilo nunca pôs em discussão nenhum dogma da doutrina católica. Pôs, todavia, em discussão a estrutura exterior da Igreja latino-americana e em particular da colombiana. Analisando em suas estruturas temporais, segundo os métodos das ciências sociais, Camilo descobre na Igreja grande incongruência entre sua estrutura de poder e o espírito evangélico. “A chaga pior da Igreja colombiana, - diz ele numa entrevista – é ter bens e poder político, de forma que é levada a decidir mais segundo a sabedoria dos homens que segundo a sabedoria de Deus, como dizia São Paulo. Os bens e o poder político são o resultado da política dos dirigentes que quiseram circundá-la de garantias econômicas e legais. Por isso a Igreja é um poder econômico e um poder político. Isso acontece embora Cristo tenha dito que é muito difícil servir a dois patrões: Deus e o Dinheiro. O clero colombiano é o mais atrasado do mundo. Mais ainda que o espanhol. É, pois, evidente que as únicas Igrejas progressistas são as Igrejas pobres” (8).

Apenas foi conhecida a plataforma houve uma série de pressões sobre a cúria de Bogotá e o governo nacional pedindo o afastamento de Camilo da Escola de administração pública (Esap). Há tempo os porta-vozes da reação conduziam uma campanha subterrânea bastante violenta contra Camilo. Devido a tais pressões e entrado em conflito com o cardeal arcebispo de Bogotá, Camilo se demite da Esap (Escola superior de administração pública) e lança-se na luta política revolucionária.

## **9 Camilo e alguns grupos de vanguarda**

No plano do diálogo, Camilo busca o contato com diversos grupos de esquerda. Mas qual é sua opinião sobre a esquerda na Colômbia? A esse respeito, escrevia Camilo: “Os critérios predominantes nos países subdesenvolvidos, condicionam a orientação daqueles que são chamados grupos da esquerda colombiana. Nossos dirigentes progressistas, em muitas ocasiões, se tornam tais por um sentimento de altruísmo comparável àquele dos socialistas utópicos, sem bases científicas e sem táticas racionalmente estabelecidas[...] O espírito normativo e especulativo faz que estes dirigentes ponham o acento mais nas posições teóricas que nas soluções práticas dos nossos problemas sócio-econômicos. Tal orientação está estreitamente ligada ao colonialismo ideológico da nossa esquerda. Recorrem a slogan e chavões usando um jargão revolucionário para especialistas. Aos problemas colombianos dão soluções pré-fabricadas no exterior.[...]. Enquanto a classe dirigente minoritária, mas onipotente, se une para defender seus próprios interesses, os dirigentes de esquerda se enfrentam entre eles, geram confusão na classe popular e seguem os critérios tradicionais, sentimentais, especulativos, e do colonialismo ideológico” (9).

Derivou disso o racha com os democratas cristãos. As atitudes sempre mais radicais de Camilo, seu contato com os marxistas, ciúmes de grupo, contingências políticas

conduziram progressivamente a uma debandada do Frente Unido del Pueblo. Camilo pensou que se tratava dum fenômeno de depuração, de simples decantação e se iludiu de poder contar com os que não são alinhados, como força autêntica e definitiva.

## **10 Camilo e os comunistas**

Os comunistas foram surpreendidos por este padre que expunha teses de vanguarda e que propunha com audácia a urgência duma mudança estrutural, lançava a palavra de ordem “o poder ao povo”, invocava uma revolução e sustentava que seria violenta se o sistema não deixasse o poder e recorresse à repressão militar. Sobre os problemas de ordem econômica, social, cultural e política, enfrentados numa dimensão pragmática, e nunca no plano ideológico, Camilo coincide com os comunistas na necessidade de uma promoção das massas. Os marxistas constatam que Camilo age com indiscutível honestidade. De um “revolucionário confuso” passaram a reconhecê-lo como um fato sem precedentes na história política da Colômbia, pelo seu caráter de padre e sua capacidade de unir as forças populares. Aprovam as atitudes e apóiam seu programa, ainda que, naturalmente, sobre muitos pontos não estão de acordo. O padre Camilo Torres, - escreve em “Voz proletária” Gilberto Vieira,- “ tinha intraprendido a luta revolucionária com plena sinceridade e abnegação ilimitada” (10).

A base da qual partia Camilo era a união de todos os grupos progressistas, com o objetivo a uma ação comum de tipo revolucionária. De várias partes recebeu pressões para que excluísse os comunistas. Camilo recusou tais pressões. Em sua mensagem aos comunistas, Camilo assim se expressava: “Os comunistas devem saber claramente que nunca entrarei em suas fileiras, que não sou nem serei comunista, nem como colombiano, nem como sociólogo, nem como cristão, nem como padre. Todavia, estou disposto a lutar com eles por objetivos comuns: contra a oligarquia e o domínio dos Estados Unidos, para a tomada do poder por parte da classe popular” (11). Camilo nunca foi marxista. Seu humanismo cristão lhe permitiu compreender que a teoria da encarnação, levada às últimas conseqüências, exige a concordância entre a gênese da humanidade no mundo da natureza e a gênese do Cristo na humanidade. Camilo buscava o diálogo e captou dois fatos importantes: que a Igreja não recusava o diálogo, e que os comunistas buscavam o diálogo. Já tinha acontecido o Concílio Vaticano II do grande Papa João XXIII e tinha começado instaurar-se, em algumas partes do mundo, o diálogo entre os cristãos e os marxistas a partir do humanismo comum, sendo que em Colômbia foi o próprio Camilo que iniciou esse diálogo.

## **11 - Com os estudantes no mundo universitário e com os operários**

Camilo acreditou e confiou muito nos estudantes, Ficou al lado deles em momentos difíceis como companheiro de greves e de polêmicas. Via neles uma força potencial revolucionária, na medida em que reúnem duas qualidades dificilmente encontradas em outros grupos sociais de um país subdesenvolvido, isto é: um nível cultural relativamente alto e uma certa liberdade e coragem em relação ao sistema e à classe dirigente. Daqui deriva o papel político que ele desenvolveu no âmbito universitário.

Todavia Camilo considerava a universidade como uma estrutura atrasada em relação à problemática social da realidade colombiana. A via parada sobre métodos abstratos, idôneos a produzir um tipo de profissional unilateral e individualista que acabaria servindo

os interesses da oligarquia, também porque nunca tinha vindo a contato com a componente humana das camadas inferiores da sociedade. Isto dependeu, segundo ele, também, dos docentes que em sua maioria eram friamente acadêmicos e faltavam de sensibilidade, fechados em seu tecnicismo. Em geral, - disse Camilo, numa conferência dada na Universidade, - “os estudantes são contra a classe burguesa. Mas tal reação não é científica e não é revolucionária, mas somente formal, externa, superficial. [...] O fato é que, para ser revolucionário, precisa estar disposto a padecer a fome, a prisão, a descer do próprio status social, a viver em bairros operários e, se for necessário, a ir viver com os camponeses, trabalhar dias inteiros e viver pobremente” (12).

Em relação aos operários Camilo sentia ter uma dívida de gratidão por ter tido, por parte deles, um apóio incondicionado desde os seus primeiros passos na luta política. Sempre os operários o tinham seguido com entusiasmo em numerosas manifestações. Sindicados das mais diversas tendências lhe abriram as portas para escutá-lo e a Plataforma foi reproduzida em milhares de exemplares próprio por iniciativa das organizações sindicais.

## 12 - Algumas idéias de Camilo

“A luta não é contra a fé, mas em função da tua fé.

Não é contra Cristo, mas para traduzir o ensino de Cristo em justiça e amor eficaz.

Tua luta não é contra a verdade, mas pela Verdade, que é Cristo, Filho de Deus, Verdade essencial.

Da falta de solidariedade e de união deriva a tragédia do povo colombiano.

Cada pessoa tem dignidade e direitos inalienáveis.

É indigno que um ser humano seja pobre, faminto, inculto e explorado.

Não! A miséria não é cristã.

Não! A fome não é cristã.

Não! A exploração do homem por parte do homem não é cristã.

Não! Nenhum colonialismo, nenhum imperialismo é cristão.

Não! Nenhuma opressão é cristã.

Cada criatura de Deus tem direito aos meios de produção para viver, a um teto para se reparar, à terra para trabalhar.

Não se trata de reduzir a propriedade ao uso limitado dos bens. Trata-se fazer que a propriedade cumpra sua finalidade social em função do bem comum

Da situação de escravidão deve-se passar á liberdade. Da situação de miséria se tem o direito de passar a uma situação de não miséria. Deve-se passar da exploração da pessoa humana ao livre exercício dos valores totais do homem.

Do conformismo deve-se passar ao anticonformismo construtivo. Os meios para isso são a justiça e a caridade: a justiça porque cada homem tem direito àquilo que lhe pertence por justiça; a caridade porque ela tutela a dignidade do homem como pessoa humana e como filho de Deus, num contexto cristão.

Justiça e caridade são o fundamento do bem comum”. (13).

## 13 A escolha da guerrilha

Em relação aos guerrilheiros, a imprensa que serve os interesses políticos e econômicos da classe dominante se obstina a desacreditá-los, apresentando-os como bandidos, malfeitores, desonestos e criminais em ação. Na realidade, são homens que se põem às margens da

legalidade por causa de um sistema injusto contra o qual combatem e invocam a luta armada, pois, não vêem outra via de saída para salvar o povo. São homens disciplinados, dotados, vindos muitas vezes da classe média. Em alguns casos, são profissionais e intelectuais que se confundem com os camponeses dos quais apreendem lições de heroísmo no empenho para um ideal comum. Não é fácil a vida do guerrilheiro. Permanecer na clandestinidade significa lutar cada dia contra a morte. Não todos conseguem enfrentar uma tal situação. Precisa ter qualidades físicas não comuns, resistência moral a cada prova; e, nos chefes, dotes excepcionais de lideranças.

Em relação aos movimentos guerrilheiros, Camilo afirmava que muito mais que um problema de polícia, esses são um problema social que toca as raízes do país. “Quando todos os canais de mobilidade social pareciam fechados aos camponeses e a estrutura opressora da sociedade colombiana restava irremovível, a guerrilha veio para abrir, bem ou mal, novos canais de mobilidade, e, graça a sua existência, dezenas e centenas de milhares de camponeses adquiriram consciência de ser humanos capazes de decidir a história da Colômbia, pela primeira vez. Quem, em nome da conservação social condena o fenômeno, deve antes explicar porque as velhas estruturas não conseguiram responder a essa exigência. Os movimentos guerrilheiros criaram um poder novo (paralelo ao poder estatal com conservador-liberal) através do qual grandes massas de camponeses adquiriram confiança em si mesmos, em suas próprias forças, em seu sentimento de dignidade humana e em sua capacidade de decisão e de autodeterminação”.(14)

Porquê Camilo escolhe a guerrilha? As esquerdas estavam divididas e se limitavam a apelos oratórios e emotivos, a pressão das forças governativas tornava-se mais agressiva. Achando que os tempos deviam acelerar-se, que o trabalho na cidade estava demais lento, que o plano inicial produzia um inútil desperdício de forças, que faltava decisão e convicção, Camilo escolhe a guerrilha para precipitar os tempos. Em 15 de fevereiro morre em combate, sob uma rajada de metralhadora, em Patiocemento, São Vicente de Chucurí, Santander.

#### **14 Comunicação do “Ejército de Liberación Nacional”**

“Com profunda dor e intensa execração contra as classes oligárquicas, o Exército de libertação nacional informa o povo colombiano e os revolucionários do mundo inteiro a morte do grande dirigente revolucionário sacerdote Camilo Torres Restrepo, o 15 fevereiro deste ano (1966) num fatal choque armado entre as forças do Eln e patrulhas punitivas do exército dos vendedores da pátria do “Frente nacional”.[...] Todavia, temos sofrido a irremediável perda de cinco valorosos patriotas, entre os quais caiu o insubstituível Camilo, abatido pela fuzilaria reacionária junto com outros valorosos companheiros que procuravam subtraí-lo da área do perigo. Este novo crime da violência estatal é o resultado da ação punitiva conduzida contra os esforços grandiosos empreendidos pelo nosso povo para libertar-se do jugo vergonhoso da oligarquia e do imperialismo norte-americano. Que obrigam a oferecer o sangue dos seus melhores filhos no altar dos interesses da pátria. Camilo é morto como Herói, consciente que os chefes devem dar o exemplo. Não quis evitar o perigo. Sabia os riscos da guerra e os aceitou, convicto que sua eventual morte seria a centelha, talvez decisiva, do incêndio que o povo colombiano começou a desencadear, com ódio e decisão contra as forças que sustentam um sistema de injustiça e de ignomínia.



Nós que entendíamos ser os legítimos herdeiros de seu pensamento e de sua grandeza humana, queremos pôr em realce diante das massas populares seu sacrifício. Dele temos muitas coisas para apreender. Sua vida foi limpa e pura. Ao seu profundo cristianismo, por ele entendido e praticado como amor ilimitado pelos pobres, aos explorados e aos oprimidos, com total dedicação à luta para sua libertação, uniu a concepção científica da guerra revolucionária como único meio de guiar o povo até a tomada do poder: morreu somente fisicamente. O seu cadáver foi ultrajado e chutado pelos sicários do governo. São prova disso os hematomas faiais visíveis na foto aparecida na imprensa. O povo fará pagar aos sicários o fio de suas miseráveis sevícias.

Mas o seu pensamento se agiganta com seu martírio. A justeza de suas teses penetra progressivamente na consciência dos trabalhadores. Como tributo à sua memória, tornaremos realidade vivente o mais rápido possível a unidade popular na qual ele tanto insiste. Milhares de camponeses, operários, estudantes, profissionais e pessoas honestas tomarão o lugar de sua pessoa física e moral, o lugar que este heróico combatente deixa nas fileiras do Eln.. A nossa força aumentará, poderosa, guiada pela estrela do grande espírito de Camilo[...].

Das montanhas, fevereiro, 1966. Exército de Libertação Nacional” (15)

### **15 O Testemunho e o exemplo de Camilo**

A morte de Camilo quase coincide com a o fim do Concílio Vaticano II (dezembro de 1965). Muitos opinam que sem a morte em combate de Camilo a assimilação do Concílio na América Latina teria sido diferente. Camilo obrigou a Igreja Latina Americana a pôr em primeiro plano de suas reflexões o problema da injustiça. Constatou-se isso na Conferência do Episcopado latino-americano reunido em Medellín em 1968. No pano de fundo de muitos de seus textos parece insinuar-se a figura de um Camilo que interpela com sua morte violenta a Igreja a partir das questões sociais da época. Com suas palavras e exemplo, Camilo convida a Igreja, como um todo, a partir primeiramente do compromisso duma transformação concreta da realidade como única garantia de uma coerente adesão ao evangelho.

As palavras, os gestos, a vida de Camilo Torres, assim como os de Dom Helder Câmara no Brasil, tiveram, nos anos sessenta, uma influência decisiva na tomada de consciência dos cristãos na América Latina e, pois, na elaboração da Teologia da Libertação. Nos inícios dos anos setenta estas grandes figuras, isoladas e simbólicas, vinham já substituídas e multiplicadas por heróis anônimos. Nos primeiros meses de 1971 foram conhecidos os nomes e os escritos dos guerrilheiros cristãos mortos poucos meses antes a Teoponte, na Bolívia, e os acontecimentos do padre uruguayo Monzón, membro do movimento Tupamaros, seqüestrado pela polícia paraguaya em março de 71. De janeiro a junho foram divulgados no Chile manifestos de grupos cristãos a favor do governo de Allende. No Panamá os latifundiários faziam desaparecer Heitor Gallego, o padre que tinha organizado as cooperativas dos habitantes das montanhas. Em agosto morria pelas ruas de La Paz, enquanto recolhia feridos nos duros dias do golpe de Estado, Maurice Lefèvre que um ano antes tinha sido expulso da Bolívia por ter pedido ao governo de Ovanda a restituição dos cadáveres dos guerrilheiros mortos em Teoponte. Em setembro o padre guerrilheiro Domingos Laín, na Colômbia, rompia o cerceamento do exercito e ia a Bogotá para lançar um proclama aos seus confrades convidando-os participar em massa na luta de libertação. Ainda em setembro, depois que foram presos os padres de Rosário, o movimento argentino dos “padres para o Terceiro Mundo” proclamava a qualidade evangélica do sofrimento

suportado para libertar o homem. Enquanto isso, em Brasil, Monsenhor Fragoso, bispo de Crateús, lutava o ano todo para defender seus padres sucessivamente presos e condenados ou expulsos do país. Todos sinais esses de uma nova Igreja, as das Comunidades Eclesiais de Base, e de uma nova teologia latino-americana, a Teologia da Libertação, que estavam despontando. Camilo Torres estava no início de todos esses movimentos que se davam como sinais de um tempo extraordinário: um tempo revolucionário, messiânico profético!

### Notas bibliográficas

- 1 Germán Gusmán Campos, *Cattolicesimo e Rivoluzione in América latina, Vita di Camillo Torres*, Laterza, Bari, 1968, p.13
2. Idem, p.19.
3. Idem, p.20
4. Idem, p.29.
5. Idem, p. 63
6. Idem, p. 75
7. Idem pp. 88 à 92.
8. Idem, 106.
9. Idem, pp. 163,164.
10. Idem, p. 174.
11. Idem, p. 176.
12. Idem p. 191.
13. Idem, pp. 195, 196.
14. Idem, p. 228.

### Bibliografia geral

- Fernando Soto Apaeicio, *La siembra de Camillo* (novela), Bogotá, Plaza y Janés, 1971.
- Walter Broderick, *Camilo Torres, el cura guerilheiro*, Bogotá, Circulos de lectores, 1977 (edição colombiana).
- Orlando Vilanueva, *Camilo, Acción e y utopia*. Bogotá, Universidad Nacional de Colombua, 1995.
- Norbeto, Habegger, *Camilo Torres, el cura guerilheiro*, Buenos Aires, Peña Lillo, 1967.
- Maria López, *Camilo camina en Colombia*, Bogotá, 1989.
- Francisco Trujillo, *Camilo y el Frente Unido*, Bogotá, 1987.

[www.defesa.ufjf.br](http://www.defesa.ufjf.br)

**Universidade Federal de Juiz de Fora**

